

Racismo na família e a construção da negritude: embates e limites entre a degradação e a positivação na constituição do sujeito*

Lia Vainer Schucman

Universidade de São Paulo (USP)
liavainers@gmail.com

Mônica Mendes Gonçalves

Universidade de São Paulo (USP)
mnica.gonalves@usp.br

* Este artigo foi desenvolvido a partir dos dados coletados na pesquisa de pós-doutorado “Famílias Interraciais: Estudo Psicossocial das Hierarquias Raciais em Dinâmicas Familiares”, financiado pela FAPESP.

DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v0i4.2366>

Resumo: Este artigo pretende abordar os impactos que a vivência do racismo dentro do ambiente familiar tem na subjetividade dos indivíduos. Interpela, portanto, os modos como essa experiência interfere na formação da identidade do sujeito, na sua autoimagem e na construção da estima por si mesmo. Esses processos, múltiplos e complexos, serão observados a partir da análise do relato das histórias e experiências de vida de uma pessoa, Mariana. Embora trate de Mariana, através de sua voz, muitos outros falam. Muitas famílias brasileiras estão aqui representadas, na vivência dolorida de muitas mulheres e homens que experimentaram o racismo desde a tenra infância. Contado e vivificado por ela, assim como interpretado à luz dos significantes e significados que ela atribui a essas vivências, seu relato permite pensar os efeitos psicossociais da experiência da violência racial e do racismo quando ele é vivido pelos sujeitos negros nos arranjos familiares em que o branco da família é explicitamente racista.

Palavras-Chave: psicologia, mestiçagem, branquitude, identidade.

Abstract: This article aims to address the impacts that the experience of racism within the family environment has on the subjectivity of individuals. It therefore addresses the ways in which this experience interferes in the formation of the subject's identity, in his self-image, and in the construction of self-esteem. These processes, multiple and complex, will be observed from the analysis of the story of the stories and life experiences of a person, Mariana. Although it deals with Mariana, through her voice, many others speak. Many Brazilian families are represented here in the painful experience of

many women and men who have experienced racism since early childhood. Told and vivified by it, as well as interpreted in the light of the signifiers and meanings that it ascribes to these experiences, its account allows to think the psychosocial effects of the experience of the racial violence and the racism when it is lived by the black subjects in the familiar arrangements in which the white family is explicitly racist.

Keywords: psychology, mestizaje, whiteness, identity.

Introdução

O censo de 2010 apontou que 31% dos casamentos brasileiros eram inter-raciais, ou seja, aproximadamente um terço das uniões de nosso país acontece entre pessoas que se autotransformam como sendo de diferentes raças. Apesar de se tratar de grande parte da população brasileira, há ainda poucos estudos em nosso país na área da psicologia que procuram investigar de que forma se estruturam internamente as famílias brasileiras no que diz respeito às hierarquias raciais. Expressão de um paradoxo entre a pesquisa e a sociedade, são raros os estudos que falam, por exemplo, dos processos de racialização dos filhos de casais inter-raciais. Mais paradoxal ainda é pensar o dissenso entre a exaltação à ideologia da mestiçagem fortemente presente no Brasil e a raridade de encontrar trabalhos contemporâneos que falem sobre a identidade “mestiça” no que tange à própria construção e experiência cotidiana dos processos de racialização destes sujeitos. Como aponta Souza:

“Tem sido mais recorrente discutir sobre os elementos contrários ou favoráveis à mestiçagem, os seus sentidos e rumos para as relações raciais no país, que pautar a identidade, o fenótipo e/ou as representações sociais do/a mestiço/a de modo eminente empírico. Uma problemática tão presente e concreta quanto a sustentação do discurso da mestiçagem é a do lugar geopolítico do mestiço e a sua constituição de pertencimento racial.” (2014 p. 52)

É oportuno e irremediável, diante de uma jornada de estudos e pesquisas no campo das relações raciais – assim como mediante a experiência como sujeito concreto no mundo – tomar conhecimento de que o racismo, enquanto sistema estrutural e estruturante das sociedades, engloba todos os aspectos e instituições da vida social. Logo, não é difícil concluir a inexistência de qualquer forma social que não seja atravessada pela ideia de raça e pelos seus desdobramentos. Em minha experiência como pesquisadora neste campo, não foram poucas as vezes em que ouvi relatos de homens e mulheres negros e negras rejeitados pelos membros brancos da família.

Pessoas que ouviam, tantas vezes, da mãe e do pai, que o cabelo era ruim, o nariz era largo ou a cor era escura demais.

Embora pareça chocante ou mesmo inadmissível que o racismo se faça presente dentro da esfera mais íntima e, supostamente, continente da vida do indivíduo, o dado não foge à lógica das formações raciais. É preciso compreender a família *como campo de interseção entre a realidade social e a vida psíquica, uma tessitura que, em seu arranjo de parentesco e nos significados que atribui a cada um dos lugares que a compõem, sofre a determinação de uma história sócio-cultural na qual se estabelece e que a atravessa, ao mesmo tempo em que é constituída na interação afetiva entre os membros. Toda família constitui um microcosmo fincado nas intermediações entre a esfera social e individual [...]* (p. 19).

Cabe ainda citar a importante pesquisa produzida pela norte americana Elizabeth Hordge Freeman (2015), ainda não publicada no Brasil, cujos resultados foram publicados no livro *The Color of Love: Racial Features, Stigma, and Socialization in Black Brazilian Families*. Através de entrevistas e etnografia com dez famílias negras na cidade de Salvador, a autora aponta como a tonalidade da cor e os traços físicos, ou seja, a interpretação sobre o fenótipo de cada membro das famílias negras, pode estar intrinsecamente ligada a distribuições de afetos. Nessa dinâmica, são privilegiados aqueles com estética mais aproximada aos padrões da branquitude, em detrimento daqueles interpretados com características fenotípicas marcadamente da negritude. Ou seja, as hierarquias raciais dão forma às famílias afro-brasileiras, e ao mesmo tempo tornam visíveis as consequências afetivas de práticas que naturalizam a inferioridade negra (Hordge-Freeman 2015, p. 71)¹.

Apesar de não tratar especificamente de famílias inter-raciais, mas sim de famílias negras, a pesquisa é uma das únicas que procurou aprofundar no tema acerca da relação entre racialização dentro de famílias e seus efeitos nos vínculos afetivos destas. A conclusão da autora traz apontamentos importantes referentes não somente ao tema, mas, sobretudo, acerca da importância de sua abordagem no campo das relações raciais:

“Qualquer esforço no sentido da igualdade racial no Brasil deve considerar envolver as famílias, pois dinâmicas racializadas internas ao grupo podem comprometer o bem-estar subjetivo de maneiras que podem ser mais devastadoras do que a desigualdade estrutural. Então, o que o amor tem a ver com tudo isso? Nas famílias, o amor está presente, mas como um recurso emocional, o que o amor se

¹ FREEMAN, E. H. *The Color of Love: Racial Features, Stigma, and Socialization in Black Brazilian Families*, 2015

parece pode depender de como você parece.”² (Hordge-Freeman 2015, p. 71).

Mariana e a Pesquisa, Mariana na Pesquisa

Mariana e sua história estão engendradas num conjunto de outras, que compõem uma pesquisa sobre famílias inter-raciais. Seu objetivo, atendendo a uma demanda no campo, era perceber *se* e *como* os sujeitos destas famílias legitimam e/ou desconstroem as hierarquias raciais dentro de suas relações íntimas. Para atingi-lo, adotei como procedimento as entrevistas, entendidas como elemento empírico a ser narrado, interpretado e elaborado. Desta feita, foi realizado contato com as famílias propondo uma entrevista. A ideia era marcar um encontro com todos os integrantes da família juntos e as perguntas seriam orientadas pelos objetivos perseguidos.

Em certos momentos, porém, pude também registrar que um dos assuntos interditados foi o racismo sofrido nas relações inter-familiares, pelos próprios membros presentes. Tomei, então, uma decisão previsível: a de fazer uma entrevista individual para dar segurança ao entrevistado diante de assuntos tão doloridos, acreditando que isso facilitaria a emergência de conteúdos de violência vivida no seio familiar de forma mais segura. Esta escolha permitiu depoimentos de forte apelo emocional, dimensão de grande relevância para identificar a intensidade do sentimento e da dor circunscrita na vivência racial do sujeito.

Para a compreensão dos conteúdos temáticos apresentados nas falas dos sujeitos, confeccionamos um texto que optou pela triangulação de informações advindas dos diferentes procedimentos metodológicos propostos – a entrevista, os contatos espontâneos e a articulação com a teoria. Esta escolha metodológica possibilitou pensar a categoria raça e o racismo nas relações entre os sujeitos, em uma perspectiva mais geral, fora do limite até então traçado: o familiar. É nesse sentido que trazemos a história de Mariana: trata-se de uma hermenêutica dos discursos, dos atos, das relações e dos objetos observados. A idéia é compreender as demandas e traumas de um conjunto com os sujeitos, as significações que constroem e fazem circular entre si acerca de suas relações intra e extrafamiliares, considerando toda a complexidade dos temas envolvidos com a questão racial. Esta, ainda que enquadrada no seio familiar – ou justamente por disso – se inscreve para além dele, e revela seu engendramento na constituição mesma do sujeito, em suas identificações mais profundas e afetivas, ainda que imemoriais e atávicas.

² Tradução nossa.

Conheci Mariana por acaso, no momento em que as entrevistas com as famílias interraciais deste trabalho já haviam sido realizadas e eu já estava em processo de análise dos dados. Mariana veio parar na casa de minha família por meio de uma conhecida em comum que me pediu que a recebesse, uma vez que ela iria apresentar um trabalho em um congresso na cidade onde moram meus pais. Desta forma, nosso contato já se deu em âmbito familiar, numa relação próxima e, de alguma maneira, íntima. Convivemos na mesma casa durante quatro dias. Durante estes dias, comentei em alguns momentos que estava fazendo uma pesquisa sobre famílias interraciais e Mariana, filha de mãe branca e pai negro, contou algumas de suas experiências familiares. Eram relatos doloridos e escancaravam a violência racista experimentada dentro da própria casa.

Em um desses relatos, Mariana contou que sua mãe cantava – nos raros momentos em que elas estavam próximas – cantigas de ninar com conteúdos racistas. Neste exato momento, ela repetiu a letra da música, que dizia assim: *“Plantei uma cenoura no meu quintal, nasceu uma negrinha de avental! Dança negrinha! Não sei dançar! Pega no chicote que ela dança já!”*. Fiquei impressionada com o fato de ela repetir a letra e o ritmo que a embalava na infância de forma tão natural.

Depois desse contato, Mariana foi embora, mas sua história permaneceu em minha cabeça. Seis meses depois, entrei em contato com ela para realizar a entrevista. Naquele momento, eu já sabia que as relações familiares dela com sua mãe não eram boas e que seria impossível entrevistar a família junto. Como as cenas de violência dentro da família não haviam aparecido de forma tão contundente quanto nos relatos individuais – não apenas de Mariana, mas também em tantos outros relatos colhidos por mim – escolhi, estrategicamente e em medida de exceção, a abordagem e o relato individuais para apreender e analisar a violência racial explícita dentro da família.

A História de Mariana: A Violência Racista dentro de Casa

A Família: Os Membros e as Raças

A entrevista ocorreu em um lugar público, durou cerca de duas horas e trinta minutos e foi conduzida por duas perguntas iniciais: a primeira, sobre a origem regional e racial de sua família e a segunda, sobre de que forma a “raça” era falada e vivenciada pelos membros da família. A partir

daí, Mariana narrou de forma livre e associativa os acontecimentos que foram marcantes em sua história.

Embora esta entrevista não tenha se realizado com a família presente, alguns dados sobre a família como um todo foram relatados por Mariana, e estão condensados nas informações que seguem. Mariana tem hoje 33 anos, faz pós-graduação em história, mora em um bairro da periferia de São Paulo e conta que seus pais se conheceram nesta cidade, sendo, ambos, oriundos do nordeste. A mãe, empregada doméstica, veio com a família de Pernambuco e o pai, pedreiro, veio da Bahia na década de 1970 para trabalhar na construção civil. Hoje, o pai tem 80 anos e a mãe, 70. Racialmente, Mariana os descreve assim:

“A minha mãe é branca e é de origem holandesa. Então, é aquela parte de Pernambuco, sabe? Que tem pessoas brancas, loiras, do olho claro. A minha mãe é branca dos olhos verdes, cabelo liso; meu pai é de Entre Rios, interior da Bahia, nascido e criado em uma fazenda que eu desconho que é remanescente de quilombo. Mas eu ainda não tive a oportunidade de pesquisar isso a fundo. Meu pai é preto retinto”

Mariana conta que os pais se conheceram em São Paulo, mas que ela não sabe exatamente como foi. Sabe dizer que a mãe era, na época, “mãe solteira” de sua irmã mais velha, que havia sido expulsa de casa, que morava com uma irmã e que costumava dizer que: *“O primeiro homem que aparecer, eu vou casar porque eu preciso dar comida para a minha filha etc e tal. E aí, apareceu meu pai. Pelo que a gente sabe, ele ficou deslumbrado quando viu a minha mãe.”* Mariana conta que, segundo a mãe, o pai ficou apaixonado desde a primeira vez que a viu, que já quis assumir a irmã, que em menos de um mês eles foram morar juntos, que ele registrou Joana (irmã mais velha) e que depois de alguns meses eles se casaram no cartório. Deste casamento entre Fernando (pai) e Ivone (mãe), tiveram quatro filhas e um filho. Mariana é a penúltima filha deste casamento. Mariana tem, portanto, 4 irmãos deste casamento e uma irmã mais velha filha apenas por parte de mãe. Sobre a classificação racial da família, Mariana classifica a mãe e uma das irmãs como brancas e o pai, ela mesma, e os outros como pretos. Contudo, ela mesma faz uma hierarquia entre as diferentes pigmentações e traços fenotípicos da família.

“A minha família, de todos os meus irmãos – como é uma família inter-racial – nós temos várias tonalidades e várias características que são diferentes uns dos outros; todos os meus... [eu falei que tenho 4 irmãos, certo?]. Meu irmão e minhas duas irmãs são negros; a minha

irmã mais velha – a que esta viva –, não. E entre as minhas irmãs existem algumas coisas que, vamos dizer, que minimiza um pouco. Por exemplo: a minha irmã mais nova é mais clara do que eu, mas o fenótipo é aproximado – cabelo crespo; a minha irmã mais velha, também negra [que é casada], ela tem cabelo cacheado, tem a mesma tonalidade que eu – cabelo cacheado. Então, essas coisas, vão minimizando. Eu, de todos os filhos, eu sou a que mais se aproximou do fenótipo do meu pai. Eu sou muito parecida com o meu pai. Eu sou igual ao meu pai! Muito parecida mesmo! Então sou a mais negra da família. Tanto que, o meu apelido, até hoje, é: Nega. Todos têm um apelido: é a Su; é a Kika; é a Ka e eu sou a Nega desde criancinha.”

Os Lugares Raciais e Correspondências na Dinâmica Familiar

A segunda pergunta feita por mim para Mariana foi se a temática racial era assunto em sua família e de que forma isto foi colocado para ela. Destas perguntas, Mariana relatou diversos momentos e episódios de como a raça apareceu no seio de sua família como origem de conflitos e hierarquias, mas também como depositária de conflitos gerados por diferentes situações. No decorrer da entrevista, em nenhum momento Mariana se recordou de alguma situação em que a negritude foi significada de forma positiva pelo pai ou pela mãe. Os relatos que veremos a seguir são de uma dinâmica familiar em que a negritude é tomada como lugar de inferioridade racial, enquanto a branquitude é valorizada como ideal de belo, humano e significada como lugar de superioridade racial. Neste sentido, podemos dizer que a família de Mariana se apresenta como microcosmo da sociedade brasileira e que os lugares sociais, construídos através do racismo, para brancos e negros, repetem-se no interior desta família:

“Eu soube que eu era negra desde pequena, nas vezes que a minha mãe brigava comigo e se referia a minha pessoa para chamar atenção, por exemplo; então a minha mãe me chamava de: `macaca`; o meu cabelo era um problema muito grande porque ela não tinha a mínima paciência, não sabia como cuidar, então ela me batia para pentear o meu cabelo. Ela dizia: ‘esse cabelo de Bombril do seu pai! Esse cabelo ruim do seu pai! Você é igual a ele!’ E eu olhava para o meu pai e era aquele homem que tinha uma identidade negra extremamente negativa e se colocava como inferior mesmo, ele nunca me defendeu, e a minha mãe também o colocava como inferior, porque, nas brigas que eles tinham ela sempre – assim como era comigo – sempre pontuava essa questão racial. Ela o chamava de macaco, de preto fedido, preto nojento; ela me chamava também de preta fedida; as mesmas coisas que ela falava pra mim e, algumas

vezes, para os meus irmãos, ela falava para ele. Sempre era essa questão racial, em toda a briga ela pontuava essa questão racial.”

Esta narrativa de Mariana traz vários aspectos para pensarmos o lugar que a ideia de raça ocupa nesta família. Assim, tanto a negritude como a branquitude podem ser fatores importantes para pensar o desenvolvimento e a qualidade dos vínculos familiares. Esta fala nos apresenta uma família em que o pai ocupa, na representação da mãe, um lugar de inferioridade na hierarquia racial e que, portanto, aqueles que se assemelham a ele, como é o caso de Mariana, são colocados pela mãe na mesma posição de inferioridade. Contudo, esta possibilidade de a mãe colocá-lo como inferior só é possível porque as palavras dela encontram eco na forma como o próprio pai interiorizou o racismo da sociedade brasileira. Ou seja, o pai toma para ele um significado compartilhado socialmente construído através do racismo e do legado da escravidão e o transforma em sua dimensão intra-subjetiva como verdade sobre si, pactuando, então, com a forma e o lugar de inferioridade em que Ivone o coloca. Neste sentido, esta dinâmica familiar enuncia diferentes aspectos para compreendermos como a estrutura social pode ser apropriada, vivenciada e legitimada nas relações familiares. Aqui, Ivone ocupa o lugar de poder e privilégio próprio da branquitude para exercer violências intrafamiliares. Desta forma, a hierarquia e as violências raciais já vividas por Fernando e Mariana no exterior da família são repetidas no interior do espaço familiar, nas situações cotidianas, no pentear do cabelo, no vestir das roupas. A relação de Ivone com o marido e com a filha, ao invés de ser um vetor para desconstrução e reelaboração do racismo, é o espaço onde o mesmo é repostado, já que a raça e o racismo modulam os vínculos afetivos da mãe.

Apesar da entrevista não apresentar dados suficientes para interpretar as razões pelas quais Ivone, uma mulher explicitamente racista, escolhe se relacionar com um homem negro e posteriormente gerar filhos desta relação, é possível perceber, pela fala de Mariana, que há nestas escolhas de Ivone uma possibilidade de exercer um poder que ela não encontra fora das relações intrafamiliares, ou seja, o discurso da branquitude aparece como um dos únicos dispositivos de poder para uma mulher muito vulnerável à situação de pobreza e à discriminação de gênero apontada anteriormente, acerca da condição de ser expulsa de casa por ser “mãe solteira”. Nesta mesma direção, a própria filha constrói uma hipótese sobre as razões da mãe para escolher parceiros afetivo-sexuais negros.

“O estranho é que minha mãe só se relaciona com homens negros. O pai da minha irmã mais velha também era negro, e os outros homens que ela teve depois do meu pai são todos negros. Acho que ela se

relaciona com homens negros porque ela se sente superior a eles. É uma forma de ela dizer que ela é superior àqueles homens. Eu não consigo achar uma outra relação. Porque o racismo que a minha mãe cometia com a gente, não é um racismo jocoso à brasileira, de mentalidade, sabe? Aquele racismo despercebido. Ele era violento. Ele se expressava de uma forma muito violenta. Então ela demonstrava que ela tinha raiva... E, nessa época nós éramos uma família muito pobre, miserável mesmo e, às vezes eu tento entender um pouco a minha mãe, eu tento teorizar, usar a minha formação para teorizar sobre esses assuntos, porque, quando eu era criança, quando ela não estava trabalhando, nós éramos pedintes, então a gente pedia, ia à casa de algumas pessoas que eram conhecidos da minha mãe para pedir comida; ela era uma mulher – hoje eu sei – que era muito depressiva por causa dessa situação de miséria...”

As hipóteses de Mariana sobre as escolhas da mãe nos levam ao sociólogo W. E. B. Du Bois³ quando ele apresenta uma dinâmica que entrelaça as categorias de raça, classe e status para compreender o porquê de os trabalhadores brancos e pobres aceitarem a raça e o racismo como divisor da classe trabalhadora norte-americana. Para ele, esta foi uma forma de se apropriar de benefícios. Du Bois nomeia esses benefícios de salário público e psicológico da brancura, que resultavam em acessos a bens materiais e simbólicos que os negros não podem compartilhar. Ou seja, os brancos pobres, ao aceitarem a raça como um divisor dessa classe, aproximam-se dos brancos de todas as outras classes sociais, dividindo com estes os mesmos acessos a lugares públicos, simbólicos e, portanto, o *status* dado à branquitude. Desta forma, a branquitude concede à Ivone um status dentro das relações interpessoais com negros que ela não alcança em decorrência da condição de classe no mundo exterior.

Na mesma direção, Frantz Fanon (1980), filósofo e psiquiatra, autor de *Pele Negra, Máscaras Brancas*,⁴ propõe que o racismo próprio da estrutura da colonização produz efeitos psicossociais em brancos e negros. No caso dos negros, a consequência seria uma não aceitação da sua autoimagem, da sua cor, o que resultaria em um “pacto” com a ideologia do branqueamento, como nos descreve Mariana sobre o pai. A construção do que o autor chama de máscaras brancas, portanto, começa na rejeição do negro de si próprio e uma tentativa de fuga das características estereotipadas associadas negativamente aos não brancos na sociedade ocidental. Fanon também afirma que o mesmo racismo internalizado pelos negros também é subjetivado pelos brancos, embora em uma relação assimétrica, na constituição das identidades

³ DU BOIS, W. E. B. *The Souls of Black Folk*. Barnes & Noble, New York, 2003.

⁴ FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Fator, Rio de Janeiro, 1980.

raciais brancas. O resultado, no tocante ao funcionamento da categoria raça, seria um sentimento de superioridade dos brancos em relação aos negros. (FANON, 1980, p.83).

Contudo, a hipótese de que se relacionar com negros colocaria Ivone em um lugar de superioridade no interior da dinâmica familiar não é o suficiente para compreender como uma mulher explicitamente racista optaria por se relacionar somente com homens negros. O “racismo aversivo” seria, neste sentido, impeditivo para uma aproximação sexual. Assim, é preciso pensar nos estereótipos construídos no ocidente a respeito do comportamento sexual e matrimonial de homens e mulheres de diferentes grupos raciais, tais como: a virilidade e masculinidade dos homens negros (FANON, 1980; MOUTINHO, 2004⁵; ALVES, 2010⁶), a pré-disposição desse grupo à escolha de parceiras brancas (SILVA, 1987⁷; ALVES, 2010), a sub-representação de mulheres negras no “mercado matrimonial” (TELLES, 2003⁸), a erotização exacerbada da mulher negra (SILVA, 1987) e a “angelicalidade” e ideal de beleza como um valor para mulheres brancas (MOUTINHO, 2004⁹; SCHUCMAN, 2012¹⁰).

Nesta perspectiva, talvez a ideia apontada por Fanon (1980) de que o negro representaria, através da dicotomia entre cultura e natureza construída no ocidente, o homem primitivo, hiper sexualizado, viril e canibal no qual as fantasias eróticas femininas poderiam ser mais facilmente realizadas talvez seja a chave para compreender a forma objetual na qual Ivone se relaciona com os homens negros. Por este ângulo, Mariana relata que a única lembrança que ela tem de algo de positivo falado pela mãe em relação aos negros era quando algum homem negro aparecia na rua ou na televisão e ela comentava sobre uma possível performance sexual.

“Tinha alguma coisa positivada que ela falava sobre negros? Não. – ou melhor, sim. Quando aparecia um homem negro, quando ela fazia um elogio era sempre de uma forma muito sexualizada. Você consegue lembrar alguma situação? Ah, ela falava: ‘Nossa, que gostoso! Nossa! Esse deve ser bom!’ Ela falava assim. Na frente do teu pai ou não? Às vezes, sim. Às vezes sim... Não lembro exatamente, mas ela falava essas coisas quando a gente era muito criança também, mas eu me lembro, sabe. Até recentemente ela faz isso. Meus pais são separados há 15 anos e hoje ela é casada, mora

⁵ MOUTINHO, L. *Razão, cor e desejo*. Editora da UNESP, São Paulo, 2004.

⁶ ALVES, L. *Significados de ser branco – a branquitude no corpo e para além dele*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

⁷ SILVA, N.V. “Distância social e casamento inter-racial no Brasil”, in *Estudos Afro-Asiáticos*, n.14, 1987.

⁸ TELLES, E. *Racismo à brasileira*. Lumará, Rio de Janeiro, 2003.

⁹ MOUTINHO, L. *Razão, cor e desejo*. Editora da UNESP, São Paulo, 2004.

¹⁰ SCHUCMAN, L. V. (2012). *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

junto com um outro homem negro também, e continua chamando a menina, sobrinha dele que mora com eles de macaca...”

Ainda que seja apenas uma hipótese de que Ivone se relacione com negros através dos estereótipos sexuais e do fetiche, arrisco dizer que esta posição entre desejo e dominação apresentada por Mariana sobre a relação de sua mãe com o homem negro, em particular com seu pai, se apresenta tal qual a construção estereotipada ambivalente que se fez do negro no ocidente. Nesta perspectiva, Homi K. Bhabha (2007¹¹), ao falar desta construção, afirma que “O negro é ao mesmo tempo selvagem (canibal) e ainda o mais obediente e digno dos servos (o que serve a comida); ele é a encarnação da sexualidade desenfreada e, todavia, inocente como uma criança; ele é místico, primitivo, simplório e, todavia, o mais escolado e acabado dos mentirosos e manipulador das forças sociais.” (p.126).

Neste sentido, concordamos com Bhabha quando ele afirma que o ato de estereotipar não é apenas a construção de uma “falsa imagem”, mas sim um “texto muito mais ambivalente de projeção e introjeção, estratégias metafóricas e metonímicas, deslocamento, sobredeterminação, culpa, agressividade, o mascaramento e cisão de saberes “oficiais” e fantasmáticos para construir as posicionalidades e oposicionalidades do discurso racista” (p.124-125). Ou seja, Ivone, ao se relacionar com negros, sobrepunha suas fantasias e projeções racistas construindo posições para cada membro da família não pelo que de fato estes sujeitos poderiam vir a ser, mas sim a partir de lugares sociais já pré-concebidos pelo discurso racial vigente em nossa sociedade, repetindo assim no interior da família todas as hierarquias e violências raciais existentes no tecido social brasileiro.

A Formação de Mariana: Racismo e Identidade Racial

O fato de nascer e se constituir no interior de uma família em que as hierarquias raciais da estrutura social foram internalizadas e legitimadas como posições de superioridade (branco) e inferioridade (negro) respectivamente pela mãe e pelo pai, ou seja, por aqueles que foram os primeiros “outros” responsáveis pela socialização primária¹² de Mariana, constituiu também os primeiros referenciais sobre o que é ser negro – portanto, a construção da negritude em Mariana. Durante a entrevista, Mariana relatou diversas lembranças de violência racial vividas no interior

¹¹ **HOMI BHABHA.** *O local da cultura.* Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 4ª Reimpressão. Editora da UFMG. Belo Horizonte, 2007.

¹² A socialização primária diz respeito aos primeiros contatos sociais da criança e se dá com a presença dos outros significativos que lhe apresentam a realidade em que vivem e como a percebem. É também neste contato que a criança começa a significar os elementos culturais presentes na sociedade em que está inserida (**BERGER & LUCKMANN**, 1973 – ver Referências Bibliográficas).

de sua família nuclear, e também da família estendida. Abaixo, escolhemos algumas passagens para pensar sobre o processo de constituição da identidade racial da entrevistada.

E o que é ser preta para você? O que isso significa para você? Para mim, ser preta, pra mim, dói. É uma coisa que não está bem resolvida porque me traz muitas lembranças doloridas... Era muito confuso, porque minha mãe me agredia, ela dizia essas coisas pra mim, e algumas vezes eu chorava, e eu tinha muita raiva, então, imagina, eu ficava pensando: nossa, por que eu sou parecida com o meu pai? – Eu tinha muita raiva de mim. Eu tinha muito ódio de ter nascido negra, muita raiva. Eu não conseguia me olhar no espelho. **E como era a relação de vocês com os pais?** Era bem distante. Para mim ele era uma figura asquerosa, porque eu via aquele homem que bebia, aquele homem que era preto, que a minha mãe dizia que eu era igual a ele, que eu era feia como ele. Fedida. Ela me chamava de ‘fedida’, de ‘sovaco fedido’. Era uma coisa que eu via e falava: eu sou igual a ele. Eu não queria nem chegar perto. Teve uma fase que eu tinha muita raiva dele. Eu achava que era por causa da bebida, mas hoje eu sei que não é isso, era a questão racial mesmo.

Szymanski (2004¹³) aponta que é na família que a criança inicia o processo de aprender o modo humano de existir. É no interior dela que o mundo adquire significado e ela começa a se constituir como sujeito. São nas trocas intersubjetivas construídas pelos vínculos familiares (e a qualidade destes) que os primeiros referenciais para a constituição da identidade são criados. Para a autora, a criança, ao nascer, já encontra um mundo repleto de significados construídos pela sociedade, e internalizado idiossincriticamente pela família que, por sua vez, também carrega uma própria significação do mundo. Esses significados apresentam-se impregnados de valores, hábitos, mitos, pressupostos, formas de sentir e de interpretar o mundo, que definem diferentes maneiras de trocas intersubjetivas e, conseqüentemente, tendências na constituição da subjetividade (p.7). Nesta perspectiva, é possível dizer que os significados negativos sobre ser “negro” adquirem um lugar central na forma de construção dos vínculos familiares e, portanto, Mariana se constituiu como negra odiando a si mesma, bem como odiando aquele de quem ela herdou o fenótipo negro: o pai.

É importante ressaltar aqui que a violência racista vivida por Mariana se estabelece diretamente na desqualificação do corpo negro. É na cor, no cabelo, no nariz que o ódio racial de Ivone se concretiza e, desta forma, o corpo é impedido de ser pensado por Mariana como local e

¹³ SZYMANSKI, Heloisa. “Práticas Educativas Familiares: a família como foco de atenção psicoeducacional” in *Rev. Estudos de Psicologia*, PUC-Campinas, v. 21, n. 2, p. 5-16, maio/agosto 2004.

fonte de prazer. Ao contrário disto, torna-se um corpo odiado, visto como foco permanente de ameaça de dor e de morte.

O psicanalista Jurandir Freire Costa (1984¹⁴) aponta que a violência racista estabelece por meio do preconceito de cor uma relação persecutória entre o sujeito negro e seu corpo desmantelando um dos componentes fundamentais para a saúde psíquica na construção de sua subjetividade, a saber: é necessário que o corpo seja predominante vivido e pensado como local e fonte de vida e prazer. A violência racista produz exatamente o oposto, como nos mostra Mariana:

“Eu era uma criança que dormia com pregador no nariz. Porque a minha mãe dizia que o meu nariz ia afinar. Eu fazia. Fiz algumas vezes: colocava o pregador no nariz para ver se o nariz afinava. Eu lembro que pedia tanto para, sei lá! Deus, eu acordar um dia igual a ela. Eu queria tanto ser igual ela, eu queria tanto ter um cabelo liso, ter olhos verdes. Eu não entendi porque eu tinha nascido igual ao meu pai, eu achava que era um castigo.”

É difícil imaginar de fato o quanto o próprio corpo de Mariana tenha sido violentado neste processo de constituição. Contudo, suas lembranças deixam evidente que o corpo tal como ele é está interdito de ser significado como belo. É preciso embranquecê-lo para que ele seja aceito. Dormir com um pregador, neste caso, parece ser menos violento que existir no mundo com o nariz tal como ele se apresenta. E ainda, como aponta Costa, o racismo e a violência racista nos primeiros anos de vida, vindo exatamente daqueles que inserem a criança no mundo dos significados – neste caso a mãe –, leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e de sua história racial e pessoal. Todo ideal identificatório do sujeito negro que é violentado converte-se, desta maneira, num ideal de retorno ao passado fictício, onde ele poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro interdito, onde seu corpo e identidade negros deverão desaparecer. Não à toa Mariana pedia a Deus para um dia acordar igual à mãe e sentia-se castigada ao ver-se identificada racialmente com o pai em sua imagem no espelho.

Neste sentido, Nogueira (1998¹⁵), com base na psicanálise laciana, propõe um modelo dos processos psíquicos atinentes à dominação racial que envolveria o ideal de ego branco (como efeito psíquico da ideologia do branqueamento) e também a dissociação narcísica da imagem do corpo. A falta de brancura seria vivida pelo negro como privação e o branco seria visto como

¹⁴ COSTA, J. F. *Violência e Psicanálise*. Edições Graal, Rio de Janeiro, 1984.

¹⁵ NOGUEIRA, I. B. *Significações do corpo negro*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

detentor daquilo que lhe falta. Assim, para o negro, a experiência cotidiana do racismo daria base para a recusa de seu corpo negro.

A autora parte da concepção do corpo como unidade significativa e, dessa forma, quando o sujeito negro toma consciência da existência do racismo, tenderia a recusar seu próprio corpo, já que o sujeito se constitui psicologicamente por meio do olhar do outro, neste caso o olhar racista da mãe Ivone. Assim, pode-se dizer que Mariana, nesse confronto, deparou-se desde seu nascimento com um olhar que reconheceu nela o significado negativo que a pele negra carrega historicamente, tais como os relatos atestam. Nesta perspectiva, não é de se espantar que o sentimento de alívio apareça tanto na fala de Mariana, quanto na tentativa por parte de Ivone de amenizar a dor causada, não com a valorização da negritude, mas sim com o afastamento de Mariana das características atribuídas pela própria Ivone como negativas:

“É muito louco, porque até quando a minha mãe tentava me defender, quando ela me xingava, eu chorava, ela dizia – de alguma forma aquela mulher se apiedava e dizia para mim: ‘não fica assim, ‘macaco’ é seu pai! – Macaco é ele, você não é não, você é mais clara! Quando você crescer eu vou arrumar o seu cabelo, você vai ver.”

Esta fala de Ivone se assemelha ao que já foi percebido e apontado em outra família, a família Alves, na qual o amor se faz possível através da negação da negritude daquele que se ama. Ou seja, para que Ivone pudesse qualificar seu vínculo com a filha pela via do amor é preciso que a negritude seja apagada ou amenizada. O recado passado de mãe para filha nesta mensagem é: se você se embranquecer, será amada. Assim, podemos concluir que Mariana cresceu em um ambiente em que para ser valorizada era necessário desvalorizar suas raízes negras: o pai e o corpo (nariz, cor e cabelo).

Ainda pensando nos processos de identificação de Mariana, na sua constituição como sujeito, é fundamental pensar na figura do pai e o modo como ele mesmo se identificava como negro para entender a forma pela qual Mariana aprendeu a ser negra. Daí, então, compreender todo o trabalho e o processo doloroso na qual ela se encontra (no momento desta entrevista) para possibilitar a desidentificação com as formas com que foi inscrita no mundo. Mariana relata vários momentos em que o pai se sentiu rebaixado por ser negro e que, devido sua história e posição no mundo, não conseguiu se contrapor às adversidades, ao contrário, como já mencionado antes, pactuava com o lugar dado a ele como nos mostra o relato abaixo.

“A família da minha mãe sempre foi muito racista com o meu pai nas piadas; os apelidos dele, ele era chamado de ‘fumaça’; sempre que tinha uma reunião familiar o meu pai era alvo das piadas, sempre piadas racistas e ele ria. Ele ria, ele abaixava a cabeça, porque ‘era assim mesmo’. Então, eu sempre via ele como um ‘ah, então ser preto é assim, é como o meu pai faz, é aceitar as piadas, a gente é assim mesmo, a gente é feio mesmo, a gente é... É do jeito que esses brancos falam.”

Uma das características do processo de identificação de Mariana com o modo pelo qual o pai se relaciona com a negritude é demonstrado por ela através da expressão de um sentimento negativo sobre ser negra, mas, além disto, existe também o fato de que ela, de uma maneira inconsciente, repetiu e colocou em ato esta posição subalterna na qual foi ensinada a ser negra. Mariana conta um episódio de quando já estava na graduação. Em uma discussão, exatamente sobre temas raciais, em que ela se viu rebaixada pelos colegas da turma, consciente das questões raciais, não conseguiu agir de outra forma a não ser repetir o modelo apresentado pelo pai:

“... Eu lembro que uma das meninas da sala – que era uma daquelas meninas ‘tops’, todos queriam ficar com ela – e ela disse: ‘então, os próprios... (ela falou aquela frase clássica!) Ah, os próprios negros têm vergonha de ser negros. Os próprios negros aceitam esse lugar de inferior. Pode ver: as negras da sala estão com o cabelo alisado’ - que era eu e outra. Agora, olha só: eu te contei a história do meu cabelo, olha o que ela falou para mim naquele momento?! Eu quase chorei na sala, mas eu me segurei. Eu só consegui fazer igual o meu pai me ensinou: naquele dia eu me curvei, baixei a minha cabeça e não falei mais nada. Então foi muito dolorido aquilo.”

O cabelo Como Passagem: do Sofrimento ao Reconhecimento

São diversas as passagens que Mariana relata sobre a humilhação racial sofrida através dos ataques ao seu cabelo. Contudo, é através da mudança de significado dado a ele que ela nos conta sobre uma possível e ainda dolorida valorização da negritude, e de sua constituição identitária a partir dele. Nilma Lino Gomes (2002¹⁶) destaca o importante papel desempenhado pela dupla ‘cabelo e cor da pele’ na construção da identidade negra e a importância destes – sobretudo do cabelo – na maneira como o negro se vê e é visto pelo outro. O cabelo representa

¹⁶ GOMES, N. L. *Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

uma forte marca identitária e, em algumas situações, continua sendo visto como marca de inferioridade. Como apontou Mariana:

“Com a minha família estendida eu via que tinha alguma coisa, e ali já era um racismo mais jocoso, que eu via que tinha alguma coisa errada, os meus primos brancos, porque eu me lembro de uma coisa que eles sempre faziam comigo: eles faziam uma roda e o meu irmão também participava disso. Eles faziam uma roda e eles puxavam porque a minha mãe não tinha paciência para cuidar do meu cabelo, o meu cabelo sempre era armado, ela amarrava, ela estava com preguiça de arrumar e botava uma touca. Às vezes, estava um calor insuportável eu tinha que ficar com aquela touca para esconder o cabelo, e eu estou falando dos meus 4 anos, 5 anos; eu me lembro que eles faziam uma roda e puxavam a touca e o meu cabelo aparecida enorme, e eles ficavam me empurrando de um lado para outro nessa roda e rindo do meu cabelo; `olha que cabelo ruim`, `olha que cabelo de bombril` e ninguém me defendia; nem os adultos quando viam.”

Esta passagem nos remete a diferentes aspectos da vida de Mariana, mas também a diferentes aspectos do funcionamento do racismo brasileiro. Primeiro, nos conta do racismo sofrido por negros quando compõem laços familiares com brancos que se apropriaram dos significados sociais racistas. Segundo, demonstra como a raça pode aparecer como um fator divisório mesmo entre aqueles que têm laços sanguíneos, como a mãe e os primos. E por último, aponta o cabelo como representante de toda uma situação racial de humilhação vivida no cotidiano dos negros brasileiros.

Sobre a inserção de negros em famílias ampliadas de brancos, esta pesquisa apontou que todos os entrevistados – e não somente Mariana – viveram alguma situação de racismo na família ampliada do membro branco, ou seja, isto nos mostra exatamente que a raça é categoria divisória até mesmo nas redes e “solidariedades” típicas de famílias. Aqui, talvez possamos pensar que, tanto a ideia imaginária do conceito de raça, racismo e mestiçagem, quanto as concepções fantasiosas sobre família derivadas da ideia de raça, ambas são responsáveis por esta divisão entre os sujeitos de uma mesma família. Primeiro, porque a própria ideia de raça foi construída em seus primórdios através de uma pseudociência que alegava que a raça era um fator biológico e, portanto, transmitida hereditariamente.

Nesta concepção, pessoas de uma mesma família deveriam ter os “traços” fenotípicos similares e que, para isto se efetivar, o racismo tinha em suas bases a proibição de relações sexuais/amorosas entre diferentes grupos raciais, sendo a mestiçagem entendida como

degeneração da raça branca. Podemos pensar que, até hoje em dia, o imaginário social representa os membros de uma família como fenotipicamente similares. Por isto, frases como “achavam que meu filho era adotado” ou “pensavam que eu era a babá de minha filha” foram constantes nas falas de mãe branca com filho negro ou mãe negra com filho branco no conjunto das entrevistas. Isto mostra, precisamente, que diferenças na cor em pessoas de uma mesma família representam, no imaginário social, uma quebra dos laços sanguíneos. O fato de Mariana ser negra pode ter sido um fator para que os próprios primos construíssem com ela uma relação violenta ao invés de laços fraternos. Em outras palavras, a raça e o racismo foram, neste caso, o fator preponderante para a construção de vínculos violentos.

Ainda na fala acima, podemos entender que o cabelo crespo foi o objeto gerador de inúmeras violências vividas e narradas por Mariana. O cabelo crespo não pode ser considerado apenas como dado biológico/fenotípico, mas sim o objeto simbólico onde se ancora a construção social, cultural, política e ideológica, tanto do racismo brasileiro como da produção da identidade branca padrão idealizada pela população negra brasileira. Assim, ele é o ícone da desvalorização da identidade negra como narrado por Mariana em diversas situações de humilhação, mas também a possibilidade de saída para a re-significação da negritude, como aponta Mariana:

“... Aí, teve um dia que eu dei um basta! Eu já estava na fase final da graduação, eu emendei a graduação com o mestrado, e aí no último ano da graduação eu comecei a dar aulas. Eu tinha uma aula sobre `imposição da estética`, a cobrança estética que a mulher tem – de como a gente tem que se aproximar dos padrões sociais. Eu peguei um texto que falava sobre a `Barbie Humana`, de como... Mulheres que estavam se modificando para entrar dentro de um padrão que loiro, que é branco e a aula foi um discurso lindo, só que, uma aluna negra olhou para mim e – que eu falei sobre como nós somos induzidas à, por exemplo, negar a nossa negritude e passar por processos químicos e não nos aceitar, alisar o cabelo e o meu cabelo estava com química, estava alisado – e aí, uma aluna negra olhou para mim e disse: mas, professora, você também está com o cabelo alisado. E aí, eu tentei... falei: sim! Eu também me coloco nesta mesma situação! Para a gente é bom, para refletir sobre, eu fiz aquele jogo da professora, mas aquilo me doeu tanto, tanto, tanto... Eu disse: como eu vou chegar numa sala de aula para empoderar a minha aluna negra se eu também não estou conseguindo? E naquele dia eu resolvi raspar o meu cabelo. Eu cheguei a raspar, mas eu mesma cortei, fiquei com um dedinho de cabelo, assim, e falei: vou assumir o meu cabelo natural. Eu vou ter que entrar em contato com isso, com esse monstro que está me atormentando. E aí eu falei: chega! Então, assim, o meu cabelo, inclusive, hoje, eu ter o

meu cabelo natural – e já tem alguns anos que tenho meu cabelo natural, e tem pouco tempo, se for parar para pensar, uns 3 anos para eu ter o meu cabelo natural remete a todas essas lembranças. Para mim foi um obstáculo que eu consegui vencer de me olhar no espelho e ver o meu cabelo crescendo e achando bonito.”

A palavra “monstro”, citada no relato, parece significar diferentes aspectos da vida de Mariana: o racismo vivido na família, a representação negativa sobre sua cor, seu cabelo e seu corpo, o ódio da mãe por sua negritude e, principalmente, a internalização de todos estes significados negativos. As palavras de Mariana sobre ter que entrar em contato mostram um momento de um processo longo e difícil de desidentificação dos lugares atribuídos aos negros no seio de sua família. Contudo, este não é um processo fácil. Mariana conta que isto foi possível através de um primeiro contato que ela teve com o rap:

“A questão da minha negritude teve várias fases, porque mesmo antes de entrar na universidade, quando eu era adolescente, eu tive contato com o rap. O Mano Brown para mim, ele foi tudo, eu comecei a ouvir o que aquele cara dizia e falava: nossa, é isso! Ele cantava as coisas que a gente vivenciava... Foi a primeira vez que ouvi alguém falando sobre a questão racial”

Foi através do rap que ela percebeu que o que ela vivia era algo particular, mas também coletivo e, posteriormente, com a inserção na militância negra dentro da universidade, Mariana foi re-significando o que era ser negra, podendo então entrar em contato com outras formas de ser negra. Esta inserção nos movimentos sociais, na estética negra, no entanto, não foi algo linear e sem conflitos. Para Mariana, a construção de uma identidade positiva da negritude ainda está em processo. Neste sentido, podemos dizer que Mariana viveu e vive muitos dos processos que Ricardo Franklin Ferreira (1999¹⁷) apontou em sua tese de doutorado como um modo de subjetivação da identidade de muitos negros militantes na sociedade brasileira. Ferreira fala sobre o desenvolvimento de um processo de deslocamento do racismo subjetivado pelo negro para um senso positivo da identidade negra. Para ele, a constituição dessa identidade pode acontecer em quatro estágios: estágio de submissão; estágio de impacto; estágio de militância e

¹⁷ FERREIRA, R. F. *Uma história de lutas e vitórias: a construção da identidade de um afrodescendente*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

estágio de articulação. O estágio de submissão corresponde à subjetivação e aceitação da ideologia do branqueamento construída em nossa sociedade.

Haveria, assim, uma desvalorização do mundo negro e os sujeitos negros se referenciarão em valores brancos. Para o autor, a permanência nesse estágio pode causar sofrimento psicológico nos sujeitos negros, pois o indivíduo tem a sensação de não se ‘encaixar’ em nenhum grupo. Entretanto, se ele gradualmente toma consciência da desvalorização na qual está submetido, pode iniciar um movimento em direção a uma transformação, o que pode levá-lo ao estágio seguinte, o de impacto, sendo que “a situação de impacto não é determinada por um único fato, mas sim através do efeito cumulativo de uma sucessão de pequenos episódios vividos pela pessoa, levando-a cada vez mais a tomar ciência de ser rejeitada” (p. 75) não pela sua personalidade, mas em função do racismo. Nesse estágio, ao se dar conta da realidade, do fato de que não é branco, o sujeito teria condições de sair do estágio de submissão. O sujeito compreenderia que ser negro faz parte de sua constituição enquanto sujeito. É nesse ponto que o sujeito começa, usualmente, a incluir aspectos da negritude em sua identidade e tem a possibilidade de passar para o estágio de militância, cuja característica é a adesão do sujeito a movimentos sociais negros, a luta antirracista, a incorporação de signos e símbolos da negritude no corpo, assim como uma procura pela estética negra.

Pensando neste processo de uma construção positiva sobre ser negra através da inserção em movimentos negros e incorporação de símbolos da negritude no corpo, podemos dizer que Mariana, ao mudar o cabelo e se inserir nos movimentos sociais, está procurando de fato se desidentificar da forma pela qual tanto o pai quanto a mãe a ensinaram a ser negra. É evidente em seu discurso, no entanto, que não há um registro afetivo mnemônico familiar em que ela possa se amparar para construir um sentimento positivo do que é ser negra. Por esta razão, o processo de tornar-se consciente do racismo não é suficiente para uma mudança radical na forma como ela sente o que é ser negra. Isto se revela quando, ao final da entrevista, eu pergunto se ao longo deste processo de consciência ela mudou seu sentimento sobre o que é ser negra:

“Eu perguntei no começo o que é para você ser negra? Você falou algumas coisas, mas você falou que ‘preto dói’. Você consegue, hoje, depois desse processo todo, pensar em algo que é positivo em ‘ser preto’?”

É... A terapia hoje me ajudou. Hoje eu faço terapia para inclusive lidar com essas questões, eu só consigo ver o lado positivo ainda no social, no campo público, de luta, de dizer: ah, não, eu vou lutar pelos meus ancestrais, eu vou lutar pela minha família para que a gente tenha acesso aos direitos que nos foram negados, a

humanidade que nos foi negada, mas eu vou ser muito sincera com você: no campo privado, é muito difícil ainda para mim. É muito difícil. Eu estou trabalhando isso na terapia e eu sei que vou conseguir um dia me olhar no espelho e não ver aquela criança que eu fui. Porque, ainda hoje, quando eu olho no espelho no campo privado, eu vejo aquela criança que eu fui, ainda dói. Eu não consigo me livrar disso ainda. É muito doído. É muito doído... Mas eu vou ver, eu vou conseguir.”

Esta fala de Mariana nos diz muito sobre como os processos primários, a forma como a família nos inscreve no mundo, constroem nossas subjetividades e que, mesmo com processos conscientes de desidentificar-se do lugar que nos é dado logo que chegamos ao mundo, a criança que fomos nos diz muito sobre quem somos.

Considerações

O caso de Mariana, emblema de outros em que o racismo é vivido e experienciado dentro da família, nos mostraram o quão prejudicial pode ser nascer em uma família inter-racial na qual o racismo e a ideologia do embranquecimento fazem parte cotidiana das dinâmicas familiares. É possível dizer, portanto, que raça e racismo são componentes que modulam e qualificam a forma com que se constroem os vínculos familiares na família de Mariana.

A narrativa de Mariana aqui apresentada em pequenos recortes, nos mostra diferentes aspectos em que o racismo foi legitimado e atualizado dentro de casa, revelando à Mariana, desde pequena, as hierarquias raciais de nossa sociedade. A entrevistada elabora, de uma forma bastante eloquente, como o racismo a impediu de ter uma relação de amor e acolhimento com sua mãe, pai, primos e avós maternos. No entanto, mesmo que o racismo tenha interditado as expectativas que a instituição família tem para Mariana, ela sabe que existem outras formas de se construir como negro dentro de uma família que podem proporcionar aos seus membros acolhimento e proteção, pois sua última fala diz, justamente, sobre o desejo de ‘fazer diferente’:

“Eu gostaria muito de ser mãe. Eu acho que vai ser uma forma de eu exorcizar a fala da mãe que eu tenho. Um dia eu vou ter um filho preto também! E vou educá-lo para que ele se ame.”

A expectativa e o desejo de Mariana de ‘fazer diferente’ relevam a elaboração psíquica como contraponto dialético do sofrimento, ou, em outros termos, revelam a unidade dialética que

unifica processos aparentemente antagônicos de opressão e resistência. É nessa falsa dicotomia que (in)surgem os movimentos negros na década de 70 do século XX, trabalhando para construir uma identidade negra positivada que transcendesse o fenótipo ao incluir pretos e pardos em uma mesma categoria, que se forjaria, então, do esforço para redefinir o negro e o conteúdo da negritude – abarcando noções de ancestralidade e cultura – e não do fundamentalismo pragmático do fenótipo.

Nesse sentido, as falas e a trajetória de Mariana, no que concerne especificamente à dinâmica das relações raciais, revelam as tensões entre práxis e um conjunto de fatos sociais que determinam a implacabilidade contundente da marca, do corpo, no enquadramento do sujeito mediante necessidade incessante e irremediável do sujeito de afirmar-se para além de sua racialidade, enquanto sujeito universal.

Neusa Santos Souza ainda diz:

*“A possibilidade de construir uma identidade negra - tarefa eminentemente política – exige como condição imprescindível, a contestação do modelo advindo das figuras primeiras - pais ou substitutos - que lhe ensinam a ser uma caricatura do branco. Rompendo com este modelo, o negro organiza as condições que lhe permitirão ter um rosto próprio”.*¹⁸

No que se refere aos processos psíquicos de subjetivação, as falas de Mariana evidenciam ainda o engodo que é a constatação da necessidade inevitável de constituir-se mediante a intermediação do outro, modelo especular imagético – portanto, corpóreo e discursivo – fundamental para que cada um se constitua como um si próprio e, ainda assim, tendo consciência que é justamente descolar-se desse outro e daquilo que oferece para que cada um se constitua o passo fundamental para que se seja sujeito. Escancaram, em última instância, o próprio movimento dialético entre a construção do sujeito e a instituição da dinâmica social, enfim, entre indivíduo e sociedade.

Referências Bibliográficas

ALVES, L. *Significados de ser branco – a brancura no corpo e para além dele.* Dissertação de Mestrado, Departamento de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

¹⁸ **SOUZA, N.S.** *Tornar-se Negro: as Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social.* Graal, Rio de Janeiro, 1983.

- COSTA, J. F.** *Violência e Psicanálise*. Edições Graal, Rio de Janeiro, 1984.
- DU BOIS, W. E. B.** *The Souls of Black Folk*. Barnes & Noble, New York, 2003.
- FANON, F.** *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Fator, Rio de Janeiro, 1980.
- FERREIRA, R. F.** *Uma história de lutas e vitórias: a construção da identidade de um afrodescendente*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- FREEMAN, E. H.** *The Color of Love: Racial Features, Stigma, and Socialization in Black Brazilian Families*, 2015.
- GOMES, N. L.** *Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- HOMI BHABHA.** *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 4ª Reimpressão. Editora da UFMG. Belo Horizonte, 2007.
- MOUTINHO, L.** *Razão, cor e desejo*. Editora da UNESP, São Paulo, 2004.
- NOGUEIRA, I. B.** *Significações do corpo negro*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- SCHUCMAN, L. V.** (2012). *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- SILVA, N.V.** “Distância social e casamento inter-racial no Brasil”, in *Estudos Afro-Asiáticos*, n.14, 1987.
- SOUZA, N.S.** *Tornar-se Negro: as Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social*. Graal, Rio de Janeiro, 1983.
- SZYMANSKI, Heloisa.** “Práticas Educativas Familiares: a família como foco de atenção psicoeducacional” in *Rev. Estudos de Psicologia*, PUC-Campinas, v. 21, n. 2, p. 5-16, maio/agosto 2004.
- TELLES, E.** *Racismo à brasileira*. Lumará, Rio de Janeiro, 2003.

Lia Vainer Schucman: Pós-Doutorado em Psicologia Social (FAPESB/ 2016 na Universidade de São Paulo). Doutora em psicologia social (USP, 2012).

Mônica Mendes Gonçalves: Doutoranda em psicologia social pela Universidade de São Paulo.

Artigo recebido para publicação em: Outubro de 2017.

Artigo aprovado para publicação em: Novembro de 2017.